

## GRACIANO NEVES E A “DOCTRINA DO ENGROSSAMENTO” (\*).

---

No limiar dêste ano letivo de 1959, nesta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi o nosso venerando Diretor, e mestre emérito, por todos os títulos — o Professor José Leão Nunes — bater à minha porta e, levado pela amizade que, a ambos liga, a despeito de algumas turras infantis, vez por outra, aparecidas, determinar-me viesse eu ministrar a **aula magna**, a **aula de sapiência**, em suma a **aula de abertura dos cursos**.

Atendi à determinação, que veio ela do diretor desta Casa, e também do amigo.

E, em atendendo à determinação, quero, nesta hora, nesta oportunidade, afirmar — a aula não é de sapiência, que só os sábios têm êste privilégio. Conheço os meus parcos recursos e, por isso mesmo, considero-me modesto professor, sempre consciente da sua ignorância, porque sempre consciente de que ainda não pôde aprender e entender todos os segredos e tôdas as belezas da matéria que, há três longas décadas, vem prelecionando.

\*

Quem quer que tenha de ministrar a **aula magna**, ao ensejo da abertura dos cursos de um estabelecimento de ensino de grau médio, ou de um estabelecimento de ensino superior, esbarra logo com um entrave, com um impecilho — o da escôlha do tema a ser debatido.

Experimentei, isso é fora de dúvida, essa dificuldade. Pedi a ajuda de outros para a solução dêste primeiro problema e o nosso diretor sugeriu-me, tratasse eu da **Perspectiva em História**.

Confesso, entretanto, que êsse assunto não se casou bem com o meu sangue.

---

(\*) . — Aula inaugural proferida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado do Espírito Santo em 20 de março de 1959 (*Nota da Redação*).

Lembrei-me, então, de trazer a êste seletto auditório, como assunto de dissertação **O acaso na História** e, afinal, possivelmente porque vivo no Espírito Santo, porque me considero capichaba de nascimento embora, aqui, não tenha perdido a envide, e porque a aula há que ser ministrada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Espírito Santo fui, naturalmente, levado a abordar um tema que, mais de perto, toca aos meios culturais espírito-santenses, tema êsse que é **Graciano Neves e a Doutrina do Engrossamento**.

\*

Nesta preleção, que há de ser rápida, não tenho a pretensão de tratar, exaustivamente, do assunto escolhido. E nem isso é possível em solenidade como essa. Nem mesmo sei, se conseguirei levantar uma pequena parte do véu que encobre o tema escolhido, mas, certo estou de que, outros, mais capacitados, com maiores lazeres e melhores documentos, hão de trazer a sua cooperação e o seu contingente no estudo da matéria, na divulgação da obra do eminente filósofo capichaba.

Estou sentindo, no ar, a curiosidade dos meus futuros colegas, os jovens acadêmicos desta Faculdade, no desêjo, mais que natural, de perguntarem — **Quem foi Graciano Neves? Que foi ou que é A Doutrina do Engrossamento?**

E poderia eu, sintética e resumidamente, responder: Graciano Neves foi um médico espírito-santense e **A Doutrina do Engrossamento** o livro por êle escrito; e estaria encerrada a aula, mas a missão, creio eu, não estaria cumprida.

Daí porque, nesta hora, convém rememorar o dia 12 de junho de 1868, na “Fazenda do Palhal”, na margem do Rio São Mateus, no actual município de Conceição da Barra.

Naquele dia, há noventa e um anos passados, nascia Graciano Neves, lá nos rincões setentrionais do nosso Estado.

O curso de preparatórios, fê-lo Graciano Neves no Rio de Janeiro, na antiga Côrte. E completada a madureza, ingressa na Escola Politécnica, hoje Escola Nacional de Engenharia, que cursou até o segundo ano, pois a sua vocação era a medicina, profissão em que se diplomou no ano de 1889, que marcou o fim da monarquia no Brasil.

No Espírito Santo, inaugurado o regime republicano, destacada foi a atuação política de Graciano Neves.

Assim é que, em 13 de agôsto de 1891, vai fundar, na cidade de São Mateus, o jornal **Norte do Espírito Santo**, do qual era o redator-chefe, sendo Fausto de Oliveira o responsável pela nova fôlha da imprensa capichaba.

Algures houve quem escrevesse:

**“Desnecessário tecer-se comentários em torno da última personalidade (Graciano Neves) que, pode-se dizer, está ligada à vida política do Estado do Espírito Santo no período republicano. Quando após dissolver o Congresso Nacional e por em estado de sítio o Distrito Federal, o Marechalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca renuncia a 23 de novembro de 1891 ao seu alto cargo”, “passando o Governo ao vice-presidente da República, Marechal Floriano Peixoto”; e quando este se “mantinha sereno e imperturbável, na sua grandiosa e atrevida atitude de coordenador de energias morais”, em São Mateus degladiavam-se dois punjantes partidos republicanos: O União e o Construtor.**

Nesta cidade, e na direção do “Norte do Espírito Santo”, Graciano Neves, em veemente artigo, profligou, corajosamente, o ato do Marechalíssimo, considerado, por êle como descabida demonstração de força.

Amigos de grande vulto, sabedores de que o mesmo iria publicar tal protesto, pretenderam impedi-lo, e, então, no dia em que deveria sair o periódico, Graciano Neves foi, êle próprio, distribuir o jornal que continha o maior, talvez, dos protestos já levantados no “Estado do Espírito Santo”.

Esse gesto desassombrado, de Graciano Neves, ia lhe custando a liberdade pois, desta cidade de Vitória, já havia saído, por via marítima, a ordem de prisão contra o ilustre capichaba.

Nesse interim, Floriano Peixoto, então no exercício da Presidência de República, depõe governadores de 19 Estados, contando-se, entre êles, o Dr. Antônio Gomes Aguirre, que assume o seu cargo em 18 de dezembro de 1891 e, dêle, fôra apeado no dia seguinte.

O Espírito Santo vai, então, ser governado por uma Junta Governativa integrada pelo Coronel Inácio Henrique Gouvêa, Dr. Galdino Teixeira Lins de Barros Loreto e Graciano Neves.

Esta Junta Governativa dirigiu os destinos do Espírito Santo até 3 de maio de 1892, quando assumiu a Presidência do Estado, pela primeira vez, o Dr. José de Melo Carvalho Muniz Freire, cujo mandato terminaria em maio de 1896.

Iniciando-se na vida pública, como político militante, após a proclamação da República, o prestígio de Graciano Neves avultou, de tal modo, que os votos dos seus concidadãos o conduziram à Presidência do Estado, no quadriênio 1896-1900.

Não concluiria Graciano o seu mandato. Também não revelou as razões que o levaram a renúncia em 29 de setembro

de 1897, tendo, antes, em 23 de agosto do mesmo ano transmitido o cargo ao 1.º vice-presidente — Dr. Constante Sudré.

Em 1906 vai, uma vez mais, Graciano Neves participar da vida política do Espírito Santo, representando-o na Câmara Federal.

Refere Madeira de Freitas, prefaciando **Doutrina do Engrasamento**, edição de 1935, que Graciano Neves

“certa vez entrou num concurso para provimento de uma cadeira da Escola Normal; tirou o primeiro lugar, a que renunciou, pois se ocupara naquela prova pública por não haver outra distração que melhor o entretivesse no viver monótono da província”.

E é, também o mesmo Madeira de Freitas, no mesmo prefácio, quem informa:

“funcionário técnico do Jardim Botânico, recebeu, em palestra na hora do expediente, a sugestão de reger uma cadeira na Escola Superior de Agricultura. No dia seguinte inscreveu-se. Fez o concurso de Botânica. Obteve com brilho o primeiro lugar e ocupou a cátedra, onde a morte o veio colher”.

Médico de nomeada, filósofo profundo, técnico e fino na ironia, espírito mordaz e escritor de porte, Graciano Neves é, quer como intelectual, quer como homem público, um dos vultos mais discutidos do ambiente geográfico espírito-santense.

Mendes Fradique, analisando a sua personalidade, afirma que o eminente capichaba era

“sóbrio no falar, recolhido no viver, modesto no trajar, generoso no conviver, polido no tratar, encantador no discorrer, afetuoso no privar, solícito no acudir, êle não podia por vêzes evitar que lhe repontasse da pessoa a farpa ferina da sátira sutil, resultante do eterno conflito entre o eu e o não eu, que nem sempre a bondade perdoadora consegue derimir ou atenuar. Tais farpas, todavia, jamais se eriçaram ao contacto dos simples de coração e de espírito, senão à presença dos fátuos e presunçosos.

Vivendo e expandindo o miasma do século XIX, êle encarnava a índole divisionista da éra da análise, e se embriagou com a cocaína materialista da pandemia experimental”.

Afonso Claudio, na **História da Literatura Espírito-Santense**, edição de 1912, estudando a influência de Graciano Neves, na vida intelectual capichaba, acentua que

“não obstante o seu tirocínio de perto de vinte anos de lutas, polémicas e controvérsias políticas e literárias, o Dr. G. Neves, dos intelectuais de sua terra, é um dos de mais reduzida bagagem literária.

Por índole e hábitos infenso à divulgação que as edições de livros proporcionam, conserva nos periódicos e diários locais os seus melhores escritos”.

E mestre Afonso Claudio, em seu livro já referido, continua:

“por exceção, em 1901, publicou no Rio de Janeiro, editado pela casa Laemmert, um opúsculo de 116 páginas, sob o pseudônimo — Dr. M. Guedes Júnior e que tem por título — “A Doutrina do Engrossamento”.

O aludido opúsculo, escrito em estilo cintilante, emoldurado em linguagem correta, igual e sóbria, teria ao menos por êsses predicamentos despertado a atenção do grande público, se outra fôsse a situação dos nossos meios literários; tal não aconteceu, naturalmente por ser um trabalho de origem provinciana, por ter aparecido sem a recomendação indispensável de algum nome em notória evidência.

Pois foi grave injustiça feita ao moço escritor, que aliás é um espírito de sólido preparo e um homem que pensa por si, requisitos que não são tão fáceis de encontrar em uma individualidade literária.

O livro do exímio médico devia ser lido e meditado na época em que foi impresso, porque até o mérito da oportunidade êle possuía.

Certamente, quem se recordar da direção que teve a política nacional, quando a função de eleger representantes ao Congresso, dependia das celebradas fórmulas conhecidas por — critério do Catete e política dos governadores — tão magistralmente definidas, comentadas e satirizadas por José do Patrocínio; quem evocar as reminiscências dos atos administrativos que então chocaram por mais de uma vez o senso comum; quem se der à tarefa de recompor mentalmente o quadro da vida nacional iniciada naquele período, deve-se penitenciar por ter perdido o agradável ensejo de ver estereotipada toda uma sociedade, toda uma fase social e política, com tanta exatidão e imparcialidade, como nas páginas d’“A Doutrina”.

Laborou, entretanto, em equívoco, o eminente autor da **História da Literatura Espírito-Santense**, ao afirmar que, se a **Doutrina do Engrossamento** houvesse sido publicada em um ambiente maior, outra teria sido a repercussão da tão discutida obra.

Aqui, porém, não é de mais acentuar que, a despeito da pequenês da provincia capichaba, a obra de Graciano Neves foi conhecida, comentada e discutida em outros estados brasileiros, como Pernambuco.

Assim é, que o vol. 34, da **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, às páginas 310, publica os seguintes comentários, da lavra do ilustre historiador e filólogo Pereira da Costa —

“o Engrossamento já deu assunto para uma alentada monografia de 116 páginas, sob o título **“A Doutrina do Engrossamento”**, escrita pelo Dr. M. Guedes Júnior, prefaciada pelo Senador Melício de Seixas e vulgarizada no Rio de Janeiro em ‘1901”.

E’ possível que, em outras unidades da Federação, além de Pernambuco, outros escritores tenham tido contacto com **A Doutrina do Engrossamento**.

A obra de Graciano Neves, que não se tem, aqui, a veleidade de interpretar, eis que para tanto não me sobra o tempo e me falta o vigor intelectual, é composta dos seguintes capítulos: — Ao Congresso Federal; Advertência; Introdução Fundamental; Justificação Histórica e Política do Engrossamento; A Técnica do Engrossamento; A Arte de Engulir a Pílula.

Obra publicada em 1901, na primeira década da República, ela reflete, sem dúvida, as observações pessoais, as impressões pessoais do seu ilustre autor, referentes ao regime político que se estava ensaiando no País, regime êsse que sucedera, havia pouco, à Monarquia.

E, aludindo a êsse regime, usa Graciano Neves, a seu modo, um conceito irônico, ao afirmar, da República:

“substituindo uma pobre monarquia que nunca passou de uma curiosidade americana, que só pôde viver da escravatura, mas que soube nobremente resgatar as suas faltas, suicidando-se pela causa da abolição, a República só veio encontrar a pobreza e agravá-la com perturbações democráticas”.

Não se pense que Graciano foi, no seu tempo, um mero espectador, ignorante dos males e dos problemas mais prementes da nacionalidade, problemas êstes que, aí, estão, à vista, nesse meado de século.

Nessa hora decisiva para o futuro brasileiro, quando tanto se necessita de técnicos que possibilitem e apressem a industrialização do País, ainda está a Pátria acorrentada aos douto-

res. E Graciano Neves, em seu tempo, sente o problema, assim apresentando-o à posteridade:

“demais, num país em que tem grassado ininterruptamente a absurda vaidade acadêmica, a ridícula aberração pedagógica de impor à melhor parte da mocidade o flagelo inevitável do doutoramento e do bacharelato, há de por força ficar perturbando a existência das classes trabalhadoras e ativas um núcleo excessivo e ocioso de indivíduos que sempre acabam por tentar as aventuras da política, como um meio de vida.

Uma grande deficiência de capitais; uma malta enorme de cidadãos inaproveitáveis e doutorados, não podendo funcionar nas respectivas profissões pela compacta concorrência de colegas inumeráveis, nem em outro ramo qualquer de atividade por falta de tirocínio especial; um regime democrático novo e ainda mal assegurado.

Nem há terreno mais propício para a pululação das profissões políticas, em toda a sua crassa exuberância, do que seja uma democracia pobre.

Indivíduos diplomados à força, sem gosto nem aptidões para alcançar triunfo e reputação nas diversas disciplinas em que se formaram, pervertidos além disso por uma inveterada ociosidade contraída na longa frequência das academias, dedicam o restante das suas habilidades à conquista das posições eletivas que as democracias fracas e pobres tão profusamente facultam às mais obscuras ambições.

Desde que os cargos mais elevados são postos ao alcance das mais grosseiras audácias, é evidente que os indivíduos mais arrojadados e mais triunfalmente cínicos hão de arriscar tudo, pois que nada têm a perder para agarrar uma situação vantajosa que nunca poderiam conseguir pelo seu mérito profissional”.

Tem-se, aqui, a impressão de que Graciano Neves, em 1901, ao expender os conceitos que aí estão via o futuro do Brasil e do Mundo, porque as frases são proféticas, são atuais, como atual é **A Doutrina do Engrossamento**.

\*

Espírito arguto, dotado de um profundo sendo filosófico, Graciano Neves, ao escrever **A Doutrina do Engrossamento**, quis, sem dúvida, focalizar uma época da vida nacional, época de transição que estava sendo atravessada pelo Brasil, mal saído de um sistema de govêrno, vigente há mais de meio século.

Durante o Segundo Reinado revezaram-se, no poder, os dois grandes partidos — o Conservador e o Liberal.

Dos quadros dêsses dois grandes partidos, saíam, invariavelmente, os mentores dos destinos nacionais.

O Senado do Império era, inegavelmente, aquêlo lago tranqüilo, onde repousavam, sem maiores preocupações, os velhos chefes dos dois partidos, a quem a Nação devia serviços inestimáveis. A vitaliciedade senatorial evitava, e impedia, choques mais ásperos, entre os “pais da Pátria”.

Quem não gozasse das simpatias, ou das benemerências dos antigos chefes do Império, difficilmente faria carreira política.

A República possibilitou uma ampla transformação, quer nos métodos da política, quer no conceito do novo sistema de administração.

A inversão dos quadros sociais era compreensível e fatal, mas os novos profissionais da Política tinham que chamar a atenção sôbre as suas pessoas, até então desconhecidas.

E Graciano Neves, nas entrelinhas de seu livro, em cada período ou em cada frase, deixa entrever essa fase de transição, essa ascensão dos novos defensores do povo, dos novos abnegados pela causa pública, como deixa entrever a luta surda entre os que alcançaram o poder e os que não conseguiram chegar até êle.

Na época, República foi sinônimo de igualdade, de nivelamento. O republicano, para ser mesmo republicano, devia ser licencioso e desabrido em seus escritos e discursos, que isto era demonstração de independência e de altivez.

Mestre Graciano, entretanto, não via com bons olhos, essa pseudo-altivez, e em seu livro, com uma boa dose de ironia e de filosofia mostra que

**“são os detestáveis, irracionais e improduttivos ataques oposicionistas que deslocam o govêrno de sua serena moderação, obrigando-o à legítima defesa da própria existência. As oposições sistemáticas (como todos os fatos políticos provam à saciedade) são indisputavelmente os piores fatores de tirania”,**

e acrescenta, ainda que:

**“o oposicionismo a todo transe, essa espécie sonora e campanuda que tanto delicia os gostos fáceis da vasta imbecilidade humana, é o mais triste expediente de que podem usar os ambiciosos, e o menos eficaz dos processos para influir na marcha da governação.**

**Bem sabem os mais inocentes políticos que todos os reptos patéticos dos oposionistas não são de modo algum ardentes revelações de amor à pátria ou mesmo à retórica**

e sim evidências de ínfimos despeitos e cobiças malogradas”.

Para Graciano Neves, os ataques desabridos, à autoridade, produzem mais mal que bem, em favor da causa dos que atacam.

\*

Ao estudar, com fina ironia, a técnica do engrossamento, a técnica para conquistar favores, divide mestre Graciano a fauna dos engrossadores, salientando

“a espécie interesseira que nunca mete prego sem estopa e a espécie platônica que se contenta e se lisonjeia com a mera intimidade dos poderosos”.

“Ao azeiteiro, diz Graciano, basta-lhe um olhar expressivo que publique diante de testemunhas e irrepresentável paixão de uma menina; e ao engrossador desinteressado basta-lhe que a autoridade o favoreça com um tratamento familiar em presença de gente”.

Não é possível uma análise mais exata, da técnica de engrossar, que esta:

Quantos e quantos, por aí, não aspiram e não se contentam apenas com êsse “tratamento familiar”, que se não é tudo, é o imprescindível e o necessário, aos olhos dos inocentes.

As afirmações de Graciano Neves, em *A Doutrina do Engrossamento*, são desconcertantes, por inesperadas.

Aqui, êle é sentencioso, ao dizer:

“o que todo o mundo secretamente deseja é a glória atual, glória de contado. O futuro não tem crédito”.

E, linhas adiante, vai afiançar:

“o mérito sem vaidade é uma coisa perfeitamente incompreensível”.

Profundo conhecedor desta pobre humanidade, seja a do passado ou a do futuro, o filósofo espírito-santense afirma que

“a vaidade é natural, necessária e benéfica. Se os poderosos da terra não a tivessem em grau elevado no fundo da sua alma, ai dos fracos e dos humildes que não poderiam modificá-los com o ascendente da sua opinião. Felizmente ela existe no coração de todos os homens, sempre ao alcance de um insinuante Engrossamento que saiba catá-la, farejá-la e descobri-la nas suas manifestações mais fugitivas”.

E' assim, friamente, que Graciano analisa a alma humana, apontando os seus defeitos e procurando ver, nesses defeitos algo que seja útil à essa humanidade.

Divide o mestre o Engrossamento em "direto", "imediato", "essencialmente mímico"; "e Engrossamento indireto, à distância em que se dispensa a gesticulação".

E não vamos, aqui, mostrar em que consiste cada tipo de Engrossamento, na lição do eminente capichaba.

\*

Participou Graciano Neves da vida política espírito-santense, já se afirmou, em uma época de transição, possivelmente, semelhante à época que, ora, está sendo vivida pela humanidade.

De espírito observador, empolgado pela ciência, pressentindo o papel de relêvo que à nação brasileira está reservado na comunidade universal, sentiu Graciano Neves o despreparo de todo um povo, sem uma elite intelectual capaz de realizar e projetar os destinos da Pátria.

E sentindo o fenômeno, sentindo o problema, deu Graciano Neves, com **A Doutrina do Engrossamento**, há cinqüenta e oito passados, o seu brado de alarma. O livro fôra escrito na província e o Brasil não o conheceu, como não o conhece ainda.

Na província, também poucos o conheceram e poucos o conhecem; na província poucos o entenderam e o entendem. Éle, o livro de mestre Graciano Neves, não chegou às elites; as elites não se aperceberam da obra.

O autor era irônico, tudo ironizava, diziam. E a obra do sábio é tida como de ironia, como de irreverência e como de demolição.

Como todos se enganaram; como ainda muitos se enganam. **A Doutrina do Engrossamento** contém uma filosofia profunda, contém uma profunda sabedoria.

Como todos se enganaram; como ainda muitos se enganam. os costumes políticos que, no limiar da República, já não se recomendavam muito; com o seu livro Graciano Neves quis alertar a mocidade contra os desmandos e a imoralidade.

Queira Deus, possa Graciano Neves, com **A Doutrina do Engrossamento**, nos dias que correm, contribuir para o aperfeiçoamento dos nossos costumes políticos.

**NELSON ABEL DE ALMEIDA**

Professor de História do Brasil da Faculdade de Filosofia,  
Ciências e Letras do Estado do Espírito Santo.